



GT 02 – Compreendendo as Conexões e Interfaces do Direito à Cidade com a Justiça Climática e o Racismo Ambiental

## **NA ARACAJU DO MANGUE E DO RISCO: UMA PERIFERIA DE COR**

Viviane Luise de Jesus Almeida<sup>1</sup>

### **1. INTRODUÇÃO**

A cidade de Aracaju, capital de Sergipe, está localizada na região leste do estado, banhada pelo Oceano Atlântico, e conforme o último censo do IBGE<sup>2</sup>, tem uma área territorial de 182,163 km<sup>2</sup>, abrigando 602.757 habitantes.

A capital apresenta uma história marcada por processos de urbanização, segregação racial e desigualdade social. O crescimento urbano impulsionou a formação de uma divisão clara entre áreas consideradas “urbanizadas” e “periféricas”, reforçando o “lugar natural” do branco e do negro na cidade. Enquanto os bairros centrais e de alto padrão atraem os mais ricos e brancos, as comunidades negras, muitas vezes situadas em regiões vulneráveis próximas a rios e mangues, enfrentam condições precárias de moradia, saneamento e segurança. Este cenário evidencia as profundas desigualdades raciais e sociais que permeiam o espaço urbano de Aracaju, levantando questões sobre o direito à cidade, à vida digna e à inclusão social de suas populações mais vulneráveis.

Diante disso, esse trabalho tem o objetivo de analisar as desigualdades raciais presentes na urbanização de Aracaju, destacando como a segregação espacial e as políticas públicas contribuíram para a marginalização e risco à vida das comunidades negras.

### **2. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS**

---

<sup>1</sup> Mestranda em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), [vivianealmeida@usp.br](mailto:vivianealmeida@usp.br).

<sup>2</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2022**. Rio de Janeiro, 2024.



Na segunda metade do século XX, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1970, Aracaju passou por um intenso processo de urbanização, seguindo a tendência nacional. Esse fenômeno impulsionou o crescimento demográfico, a expansão da malha urbana e a formação da Região Metropolitana de Aracaju, como apontou Vera França<sup>3</sup>. No entanto, também promoveu processos de segregação racial, associados à marginalização, periferização e expulsão da população negra para áreas de manguezais e regiões de risco. Essas mudanças contribuíram para a construção do que Lélia Gonzalez<sup>4</sup> chama de o “lugar natural do branco” e do “lugar natural do negro” em Aracaju — ou seja, a imagética do espaço ao qual cada raça pertence na cidade. Essa divisão foi especialmente reforçada com a chegada do Banco Nacional de Habitação, que promoveu a construção de habitações populares na periferia aracajuana.

Nesse processo, o Estado, pautado sob a lógica do capitalismo racial, através das políticas públicas, leis de ordenamento do solo, criação de infraestrutura e construção de empreendimentos habitacionais distantes da malha urbanizada, abriu fronteiras para expansão urbana, ocupação de assentamentos vulneráveis no entorno dos grandes conjuntos habitacionais, por famílias que não são atingidas por essas políticas, e favorecendo a especulação imobiliária (França<sup>5</sup>). Além disso, possibilitando a definição de recortes raciais claros através da construção de centralidades e periferias (Carril<sup>6</sup>).

Dessa forma, começou a se consolidar em Aracaju o “lugar natural do branco”, com um “ideal” de cidade dotada de altos níveis de infraestrutura, oferta de transporte e equipamentos públicos, exibindo padrões de urbanidade que alimentam o preconceito contra as áreas periféricas (Gonzalez<sup>7</sup>; Brito, Mendonça, Rolnik<sup>8</sup>). Em contrapartida, o “lugar natural” do negro tornou-se a periferia marginalizada.

<sup>3</sup> FRANÇA, Vera Lúcia Alves França. **Aracaju: Estado e Metropolização**. São Cristóvão: Editora UFS, 1999.

<sup>4</sup> GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. 1º Ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> BRITO, Gisele; MENDONÇA, Pedro Rezende; ROLNIK, Raquel. Territórios de exclusividade branca: segregação, negação e enfrentamento do racismo no Planejamento Urbano da cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Direito Urbanístico**, Belo Horizonte, ano 9, n. 17, p. 35-59, jul./dez. 2023.



Após a abolição da escravidão, a população negra, excluída do mercado de trabalho formal, passou a ser submetida a formas de superexploração. Sendo impossibilitada de produzir meios de subsistência e de moradia, cujo consumo se dá fora do mercado capitalista sob o modelo da autoconstrução, a única arquitetura viável (Carril<sup>9</sup>; Maricato<sup>10</sup>). Então, é empurrada para as áreas de suscetibilidade a alagamentos, inundações e deslizamentos de terra.

Aracaju é marcada naturalmente por rios e mangues, e abriga 95 Favelas e Comunidades Urbanas (FCU), com 43.900 domicílios e 103.137 moradores, estando grande parte próxima a essas áreas ambientais. Conforme o último censo do IBGE, a população negra chega a cerca de 80% dos habitantes residentes nessas comunidades, e em porções ainda mais vulneráveis, pretos e pardos somam 90% (IBGE<sup>11</sup>). De acordo com o mapeamento da Defesa Civil de Aracaju em 2023, as áreas mais propensas a deslizamentos, alagamentos e inundações estão na zona norte e na região do bairro Santa Maria, ao sul. São porções marcadas por assentamentos negros e precários, com altos índices de vulnerabilidade social (Mapa 1).

O antigo Observatório Social de Aracaju<sup>12</sup>, identificou nessas regiões, especialmente nos bairros Porto D'antas, Japãozinho e Santa Marina, um alto percentual de famílias “vivendo em condições precárias, marcadas por altos índices de analfabetismo e baixa escolaridade, que dificultam o acesso ao mercado de trabalho formal, comprometem as relações sociais no território e relegam a sua população a formas de emprego precárias e até degradantes”. Além disso, parte dessas comunidades sofrem com problemas socioambientais e deficiência no saneamento básico. Dos domicílios das FCU em Aracaju, 2.558 não possuem ligação com a rede geral de água e 413 não têm água canalizada. Quanto ao esgoto, 5809 domicílios não têm acesso à rede geral ou fossa séptica, isto é, 13,2%. Dados que representam para além das áreas de risco, mapa gravíssimo da falta de saúde pública dessas famílias.

<sup>9</sup> Ibid.

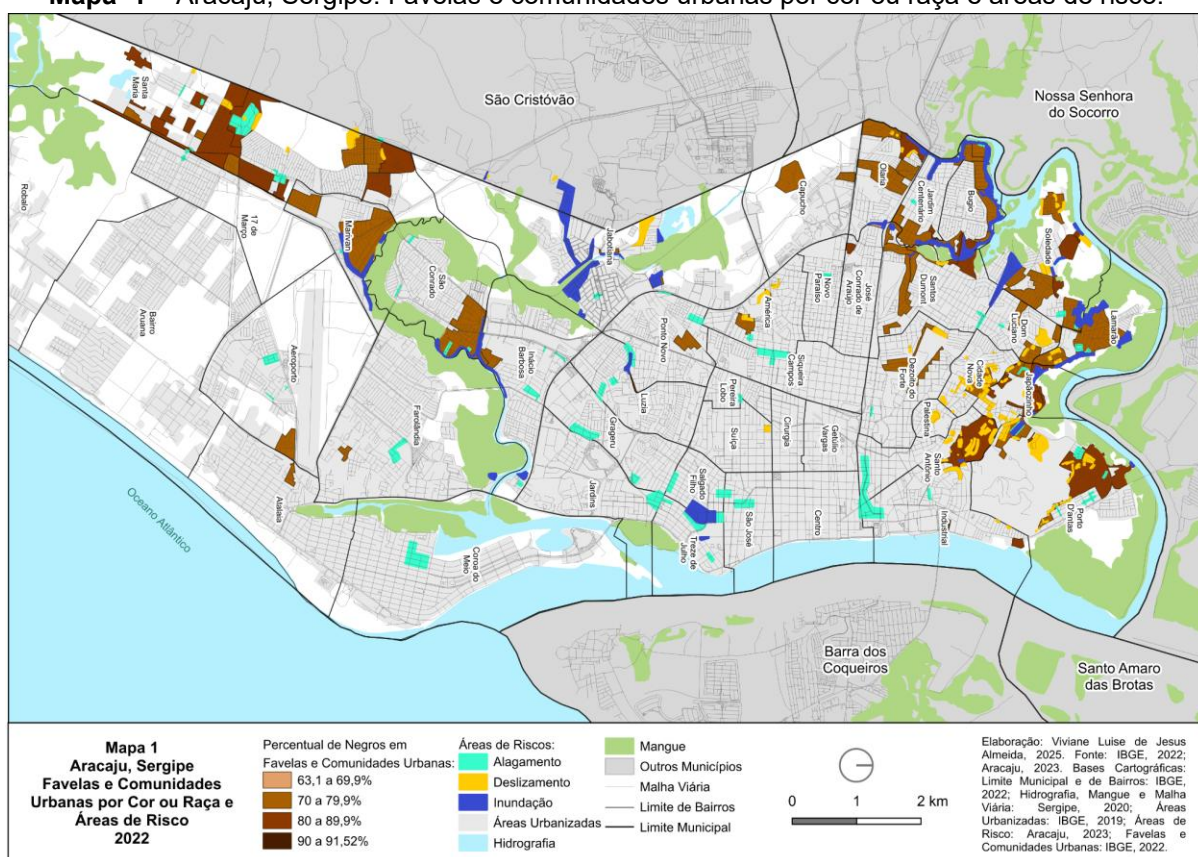
<sup>10</sup> MARICATO, Erminia (Org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> ARACAJU. **Mapografia Social do Município de Aracaju**. Aracaju: Observatório Social de Aracaju, 2019, p. 9.

Almeida<sup>13</sup> em estudo recente sobre a produção de habitação de interesse social na cidade, identificou que empreendimentos do antigo Minha Casa Minha Vida, localizavam-se ao lado ou próximos às Favelas e Comunidades Urbanas, principalmente àqueles destinados às Faixas 1 e 1,5, apesar de não alcançar as famílias que ali vivem. Esses dados representam não somente uma deturpação das políticas habitacionais às famílias de baixa renda, mas também um racismo institucional e segregador, que nega à população negra, que possui os índices de pobreza ainda mais baixos no país, o direito a uma moradia de qualidade. É a manutenção histórica e violenta do negro à insegurança da própria vida nas cidades.

**Mapa 1 – Aracaju, Sergipe: Favelas e comunidades urbanas por cor ou raça e áreas de risco.**



Fonte: Elaboração própria.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

<sup>13</sup> ALMEIDA, Viviane Luise de Jesus. **A produção da habitação na região metropolitana de Aracaju: entre semelhanças e contradições.** 2022. 139 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.



A urbanização de Aracaju foi marcada por processos de segregação espacial que reforçaram as desigualdades raciais, evidenciando a exclusão social de comunidades negras na formação da cidade. As políticas públicas e a ausência de planejamento adequado contribuíram para a marginalização dessas comunidades, dificultando o acesso a serviços básicos e à moradia digna. Então como falar em direito à cidade pela população negra, se não há direito à vida? Quando há baixa expectativa de vida em detrimento do lugar onde se mora. Que para além da localização e da precariedade, também bate à porta o preconceito e a violência policial, que todos os dias assassina jovens negros. Em contrapartida, do outro lado, a cidade dos rios e dos mangues, encanta os mais ricos e brancos com belas vistas, fácil acesso à praia e aos parques. São áreas centrais, com padrões de branquitude muito bem definidos, onde a negritude muitas vezes, alcança somente a portaria, zeladoria e a limpeza das ruas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento no desenvolvimento desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Viviane Luise de Jesus. **A produção da habitação na região metropolitana de Aracaju: entre semelhanças e contradições**. 2022. 139 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.

ARACAJU. **Mapografia Social do Município de Aracaju**. Aracaju: Observatório Social de Aracaju, 2019.

BRITO, Gisele; MENDONÇA, Pedro Rezende; ROLNIK, Raquel. **Territórios de exclusividade branca: segregação, negação e enfrentamento do racismo no Planejamento Urbano da cidade de São Paulo**. Revista Brasileira de Direito Urbanístico, Belo Horizonte, ano 9, n. 17, p. 35-59, jul./dez. 2023.

FRANÇA, Vera. **Aracaju: Estado e Metropolização**. São Cristóvão: Editora UFS, 1999.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

XII CBDU

CONGRESSO BRASILEIRO  
DE DIREITO URBANÍSTICO



IBDU



UnB

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2022.**  
Rio de Janeiro, 2024.

MARICATO, Erminia (Org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial.** São Paulo: Alfa-Omega, 1982.